

**Expresso**

09-03-2019

Periodicidade: Semanal**Classe:** Informação Geral**Âmbito:** Nacional**Tiragem:** 82175**Temática:** Justiça**Dimensão:** 3456 cm²**Imagem:** S/Cor**Página (s):** 1/16/17**ENTREVISTA A NETO DE MOURA****“Os casos que julguei não são particularmente graves”**

“A sociedade portuguesa é muito machista. Eu não”, diz Neto de Moura. **“Tenho um sentido de justiça,** ponderação e equilíbrio para ser um bom juiz” P16

Joaquim Neto de Moura Juiz-desembargador do Tribunal da Relação do Porto

“Os casos que julguei não são

Textos **CAROLINA REIS**
 Ilustração **JOÃO CARLOS SANTOS**

Joaquim Neto de Moura transformou-se no ódio de estimação das redes sociais por causa de dois acordões polémicos de violência doméstica em que desculpabiliza os agressores e de ter anunciado que ia processar quem o criticou. Em entrevista ao Expresso, o juiz nega ser machista, mas assume-se como um conservador que não concebe a infidelidade. Admite que podia ter evitado algumas afirmações, mas defende que “não é despropositado citar a Bíblia para “dimensionar a culpa do arguido”. Afastado esta semana do julgamento de mais casos de violência doméstica, diz que tem tudo para ser um “bom juiz”. Não aceitou ser fotografado porque “é uma pessoa pacata”.

■ **Das suas sentenças são apontadas como exemplo de uma justiça que não protege as mulheres. Está arrependido?**
 ■ Não queria falar de casos concretos. Mas admiti, no âmbito do processo disciplinar, que podia ter evitado algumas das afirmações que fiz.

■ **Como explica que tenha usado a Bíblia para fundamentar uma sentença em que desculpabilizava dois homens que agrediram com uma moça de pregos uma mulher?**
 ■ Não é despropositado. A sociedade é muito influenciada pela cultura judaico-cristã. [A citação da Bíblia] Aparece como mera referência histórica. E faz parte da fundamentação.

■ **Mas estava a desculpar os arguidos.**
 ■ Para dimensionar a culpa do arguido tem de se ter em conta tudo isso. É uma sociedade muito machista.

■ **A violência doméstica é cultural?**
 ■ Sim, mas há outras coisas mais determinantes, como o alcoolismo. Este senhor [que furou o tímpano à ex-mulher e a quem o juiz mandou retirar a pulseira eletrónica] era alcoólico e aceitou tratar-se.

■ **Ainda se acredita que “entre marido e mulher não se mete a colher”?**
 ■ Há 30/40 anos os maridos chegavam a casa bêbados, espancavam as mulheres e as pessoas fechavam os olhos. Hoje já não é tanto assim, mas em certas zonas do país continua a ser um problema grave. Estive na Madeira e lá é gravíssimo e é o que espoleta muitos casos de violência doméstica. Lembrou-me de uma mulher a quem o marido espetou uma faca no ventre e que foi a tribunal dizer que tinha sido ela a ir de

encontro à faca. É frequente as mulheres acabarem por desculpabilizar ou por não prestar depoimentos.

■ **É isso que justifica uma taxa tão alta de arquivamento?**
 ■ Uma boa parte das queixas não é violência doméstica. Às vezes uma discussão leva a uma queixa que é logo classificada de violência doméstica e depois acaba por se concluir que não é. E há os casos em que os casais se reconciliam. Agora é um crime público

e [as vítimas, que já não podem desistir da queixa] acabam por adotar outras estratégias como não falar ou faltar à verdade. E daí também uma grande percentagem de absolvições.

■ **Mas mesmo nos casos em que há condenação a taxa de pena efetiva é muito baixa. No ano passado só 8% dos condenados foram para a cadeia. A justiça não é demasiado branda?**
 ■ Os casos de violência grave são punidos com prisão efetiva.

“**ADMITI, NO PROCESSO DISCIPLINAR, QUE PODIA TER EVITADO ALGUMAS DAS AFIRMAÇÕES QUE FIZ**”

SE AS VÍTIMAS SE SENTIRAM OFENDIDAS A ÚNICA COISA QUE POSSO FAZER É LAMENTAR”



“As críticas são de cobardes”

■ **Como tomou a decisão de processar quem o criticou?**
 ■ Os meus colegas e o meu advogado disseram-me que, com as proporções que o caso estava a tomar, não podia passar sem uma reação da minha parte. O meu advogado aconselhou-me a avançar com ações. É o procedimento correto de uma pessoa que se sente lesada. Quem não se sente não é filho de boa gente, e eu sinto-me lesado.

■ **As críticas continuaram, talvez até com mais intensidade, depois de anunciar os processos. Há agora um jogo em que leva com dejetos na cara... E foi criada uma moldura para a foto de perfil do Facebook que diz “Neto de Moura processa-me”. Mantém a decisão de agir judicialmente?**
 ■ As pessoas deviam pensar melhor naquilo que dizem porque acabam por ofender. Era incapaz de estar a falar de alguém que não me pode responder, isso é típico dos cobardes.

■ **O seu advogado diz que se trata de uma perseguição por parte das associações feministas. Concorda?**
 ■ Tem tido uma atitude claramente hostil. Se quiser chamar perseguição...

■ **Foi a pressão social que levou o presidente do Tribunal da Relação do Porto a passá-lo para uma secção cível, impedindo-o de julgar mais casos de violência doméstica?**
 ■ Foi a solução encontrada por ambas as partes para preservar a instituição e permitir que eu trabalhe com tranquilidade. Conversámos [com o presidente e a vice-presidente da Relação] e chegámos a essa conclusão. Vamos ver se toda esta campanha acaba.

■ **Milhares de pessoas assinaram petições a pedir o seu afastamento como juiz. O Bloco de Esquerda pede o mesmo. Como responde?**
 ■ Não se pode admitir. É atacar a separação de poderes, que é um dos fundamentos de um Estado de direito.

■ **Considera que se está a pôr em causa a independência dos juizes?**
 ■ É evidente que me sinto condicionado. Com tudo isto haverá outros juizes que vão pensar a uma, duas vezes e vão medir as palavras das suas decisões. E isso é um condicionamento.

o particularmente graves”

❑ O seu último acórdão polémico, relativo a um homem que furou o tímpano à ex-mulher, era um caso de violência agravada e o agressor ficou com pena suspensa.

❑ No caso de um arguido primário (sem antecedentes), se não tiver a gravidade extrema que leve a uma pena próxima do limite de cinco anos [para ir para a cadeia], não há razões fortes para pena efetiva.

❑ As vítimas dos seus acórdãos sen-

tiram-se ofendidas por si. A mulher a quem o ex-marido furou o tímpano disse que gostava de perceber por que razão o juiz é tão contra as mulheres. O que tem para lhes dizer?
 ❑ Se se sentiram ofendidas é evidente que a única que posso fazer é lamentar. Tenho sentenças de há 15 anos a chamar a atenção que as queixas acabam por cair em saco roto, porque não era dado às mulheres o crédito e atenção que mereciam. Não se pode dizer que tenha uma atitude de hostilidade em relação às mulheres.

❑ A vítima deste acórdão mais recente continua a ser ameaçada pelo ex-marido e tem de viver oculta desde que ele ficou sem pulseira eletrónica. Tem medo que lhe aconteça alguma coisa?

❑ Claro que tenho. Seria chocante, mas tenho de julgar de acordo com os factos. E os factos não indicavam isso. Nada me fazia supor que o homem, depois da condenação, fosse ter atitudes dessas. Espero que não lhe aconteça nada.

❑ Como é possível que continuem a morrer mulheres depois de terem apresentado queixa?

❑ Mais importante do que a repressão é a prevenção. O regime jurídico deve ser melhorado a esse nível. É preciso criar condições para que as mulheres não dependam tanto dos maridos. Muitas vezes é a dependência económica que as leva a suportar [a violência] durante muitos anos.

❑ Os portugueses veem-no como machista. Como responde a isso?

❑ Não sou machista, nem misógeno

ou cavernícola. Sou uma pessoa normalíssima, mas tenho alguns valores que podem não ser os atualmente dominantes. Para mim é importante a fidelidade conjugal. Não conheço que duas pessoas estejam a enganar-se.

❑ O adultério da mulher ainda é mais censurado do que o do homem?

❑ Não devia ser, mas a realidade é que é encarado muito mais severamente. A mulher sempre foi alvo de uma censura dura e cruel.

❑ Como vê o papel da mulher na sociedade?

❑ Sou totalmente favorável à igualdade. Houve um grande progresso, mas a mentalidade leva tempo a mudar.

❑ É católico?

❑ Fui educado de acordo com os valores da religião cristã. Ao longo dos anos fui-me distanciando, mas acredito em Deus.

❑ Também passou pelo PCP.

❑ Fui membro da União de Estudantes Comunistas, mas depois também me afastei da política. Não devia confessar isto, mas raramente voto. Considero-me, sobretudo em termos sociais, à esquerda.

❑ E nos costumes?

❑ Sou conservador. Por exemplo, sou completamente contra a descriminalização das drogas, mesmo a cannabis. E respeito as pessoas que tenham uma certa inclinação sexual, mas não compreendo o casamento entre duas pessoas do mesmo sexo. E também

sou contra a adoção de crianças por esses casais. As crianças precisam de um pai e de uma mãe.

❑ E em relação a outras questões, como o aborto ou a eutanásia?

❑ A questão é saber se se deve criminalizar e eu acho que não é essa a solução. Imagino o trauma que é para uma mulher interromper a gravidez. Na eutanásia, em casos extremos, se a pessoa for livre e tomar uma decisão esclarecida, tem de se respeitar.

❑ Como tem lidado com esta exposição pública?

❑ Sou uma pessoa pacata e avessa a publicidade. Gosto de estar no meu cantinho e de estar com a família. Isto veio provocar um grande retorno.

❑ E como tem reagido a sua família?

❑ Procuo mantê-la afastada desta situação, mas também sofre com isto.

❑ Quais são as suas origens?

❑ Venho de uma família de 10 irmãos, de Paços de Ferreira, e os meus pais criaram-nos com muito sacrifício. O meu pai era operário, a minha mãe doméstica e não havia supérfluos lá em casa. Os meus pais deram a todos a oportunidade de estudar e ter uma carreira bem-sucedida, mas só eu a aproveitei. Sou o único licenciado.

❑ Porque quis ser juiz?

❑ Durante algum tempo exerci advocacia, mas não era a minha inclinação. O meu patrono disse-me que nunca passaria de um advogado medíocre, mas estava convencido de que eu seria um bom juiz. Tenho a ponderação, o equilíbrio e o sentido de justiça necessários para ser um bom juiz.

❑ Teve algum processo de violência doméstica que o tenha marcado?

❑ Os casos que tenho julgado não são particularmente graves.

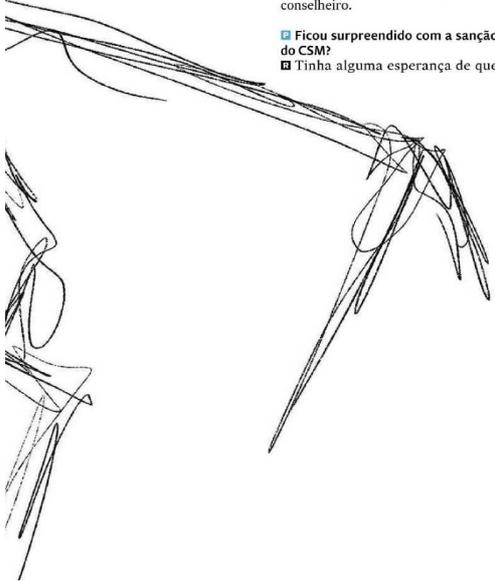
❑ Não está a menosprezar?

❑ Não.

chris@expresso.imprensa.pt

PERFIL

Até ter sido divulgado o acórdão em que citava a Bíblia e falava de sociedades em que a "mulher adúltera é alvo de lapidação", os colegas nunca tinham ouvido uma palavra ou visto uma atitude machista por parte de Joaquim Neto de Moura. "É um cavalheiro, sempre teve uma postura muito correta", diz a desembargadora Adelina Barradas de Oliveira, que com ele fez parte de um tribunal coletivo durante sete anos. Na Comarca de Loures, o seu último cargo antes de subir à Relação, o único defeito que lhe apontam era ser "picuinhas". Dois colegas que com ele se cruzaram nos júris de seleção de novos juizes, e que preferem não ser identificados, elogiam-lhe o rigor e o respeito pelos magistrados mais jovens. "Fiquei surpreendida com o que li que ele escreveu. Nunca foi tendencioso e sempre foi muito ponderado. Já eu tinha decidido e ainda ele estava a ponderar", frisa a Adelina Barradas de Oliveira. Antes de chegar a Loures, Neto de Moura passou por outras nove comarcas e na do Funchal foi um dos juizes que condenaram o Padre Frederico. Um julgamento mediático mas que não foi nem o mais importante nem o mais difícil. "Julgamentos difíceis, que me provocavam um grande desgaste, são aqueles em que crianças são vítimas de abuso sexual e maus-tratos."



Numa decisão inédita e renhida, de oito contra sete, o Conselho Superior da Magistratura (CSM) sancionou Neto de Moura com uma advertência registada, a sanção disciplinar mais leve, mas que, ainda assim, impede a progressão na carreira. O juiz vai apresentar este mês o recurso no Supremo Tribunal de Justiça e garante que está confiante. Mas já não tem "ilusões" de conseguir chegar a juiz conselheiro.

❑ Ficou surpreendido com a sanção do CSM?

❑ Tinha alguma esperança de que

[o processo] fosse arquivado. Foi uma decisão muito renhida. Dos oito membros que votaram a favor [da sanção] seis são de nomeação política e só dois é que são juizes.

❑ Mas esses dois juizes são magistrados importantes: o vice-presidente do CSM e o presidente do CSM, que também é presidente do Supremo. Isso não dá outro peso à sanção?

❑ Honestamente, tinha esperança de que o presidente não tivesse aquela posição. Em relação ao vice-presidente não fiquei surpreendido, apesar de ter começado por dizer que o CSM

não tinha legitimidade para intervir. Depois mudou a posição. Acharam que era essa a posição correta. Mas não me conformo com a sanção. Vou recorrer [para o Supremo Tribunal de Justiça] e acho que tenho bons argumentos para conseguir a anulação.

❑ Esta foi uma decisão inédita e envolta numa grande expectativa. Acha que houve pressões?

❑ Digamos que se o CSM não me aplicasse uma sanção seria mal visto por alguma opinião publicada. Penso que o ambiente à volta teve influência.

❑ Considera que estão a fazer de si um exemplo?

❑ Quero acreditar que não, mas a dimensão que isto tomou faz-me mudar de ideias. Se calhar, estou a servir de exemplo.

❑ Tem recebido mensagens de apoio?

❑ Sim. Tenho o apoio dos colegas. Sinto que não estou só.

❑ A associação Sindical dos Juizes também já veio defendê-lo.

❑ A Associação tem tido uma atitude rigorosa, de defender a independência dos juizes. E considera que esse princípio foi posto em causa.

❑ Apesar de ser a sanção mais leve, a advertência, ao ficar registada, impede a progressão na carreira. Se for anulada ainda pensa candidatar-se a juiz conselheiro do Supremo Tribunal?

❑ Já não tenho condições para isso. É evidente que isto influencia. Não tenho problemas em admitir que há colegas muito mais bem apetrechados para assumirem essas funções.

❑ Tem pena?

❑ Sim. Gosto da minha profissão.

“
CONSIDERO-ME, EM TERMOS SOCIAIS, À ESQUERDA, MAS SOU CONSERVADOR
 ”
TENHO A PONDERAÇÃO, O EQUILÍBRIO E O SENTIDO DE JUSTIÇA NECESSÁRIOS PARA SER UM BOM JUIZ
 ”

“Não me conformo com a sanção”

APAV defende novo inquérito

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) enviou ao Conselho Superior da Magistratura (CSM) um levantamento das falhas que considera existirem no mais recente acórdão de Neto de Moura, em que retirou a pulseira eletrónica a um homem que furou o tímpano à ex-mulher. "O CSM antecipou-se e referiu que não havia motivos para avançar com qualquer procedimento disciplinar. Mas nós entendemos que este acórdão merece inquérito disciplinar", explica Frederico Marques da APAV. No documento endereçado ao presidente do CSM, lê-se que o acórdão da Relação do Porto padece "de infidelidade a alguma matéria de facto dada como provada em primeira instância", como a desvalorização das agressões que a vítima sofreu ao longo de quatro anos. "O entendimento a que se chegou desfasado da matéria provada contribuiu decisivamente para o sentido final da decisão", lê-se ainda no texto. A ONG sublinha que o juiz não pode assumir uma decisão como um espaço para a manifestação ou reiteração de convicções pessoais, longe do conhecimento científico. O desembargador foi transferido para uma secção civil para evitar julgar mais casos de violência doméstica, mas a Ordem dos Advogados veio avisar que poderá continuar a refletir as suas opiniões em casos sensíveis como divórcios ou regulação das responsabilidades parentais.

“
TINHA ESPERANÇA DE QUE O PRESIDENTE DO SUPREMO NÃO VOTASSE A FAVOR DA SANÇÃO
 ”
SE O CSM NÃO ME APLICASSE UMA SANÇÃO SERIA MAL VISTO POR ALGUMA OPINIÃO PÚBLICA
 ”